

Relato etnográfico sobre a fotografia de rua na região Norte Fluminense¹

An ethnographic report on urban photography in the northern region of the state of Rio de Janeiro

João Victor Longo Ramos*

* Graduando em Pedagogia na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf);
jvlongoramos@gmail.com

RESUMO

Este texto discute o ofício da fotografia na região norte do estado do Rio de Janeiro, a partir dos relatos dos profissionais desse ramo, e de entrevistas realizadas com outros munícipes. Procuro descrever as dinâmicas existentes nesse ambiente de trabalho, bem como descrever a forma como pensam os indivíduos analisados, seus hábitos, sua origem, suas condições de trabalho, e abrir um debate sobre a relação da população com esse serviço.

Palavras-chave: Fotografia publicitária. Trabalho informal. Festa infantil. Evasão escolar.

ABSTRACT

This paper discusses the profession of photography in the northern region of the state of Rio de Janeiro, based on the reports of professionals in this field, and interviews with other citizens. It intends to describe the existing dynamics in this work environment, as well as describe the way in which the analyzed individuals think, their habits, their origin, their working conditions, and open a debate about the population's relationship with this service.

Keywords: Photography. Informal employment. Children's party. Truancy.

¹ Dedico este texto e pesquisa a meu avô Bráulio Ramos, que influenciou positivamente a vida de vários indivíduos citados no texto, eu incluso, e faleceu ainda durante o processo de escrita e revisão.



Introdução

“A fotografia é uma das poucas coisas que têm poder sobre o tempo: ela o paralisa”. Essa frase, de autoria desconhecida, diz muito sobre o objeto de estudo que será analisado a seguir. Mais especificamente, a fotografia de rua na região Norte Fluminense, com ênfase na cidade de Campos dos Goytacazes. Fotografia de rua é uma abordagem adotada pelos chamados fotógrafos autônomos, profissionais que, por mais que em eventuais momentos ao longo de sua carreira pudessem possuir vínculo empregatício com alguma agência ou empregador, majoritariamente atuaram e atuam de forma independente, muitas vezes à própria sorte, se aventurando nas estradas ou em eventos populares dentro da cidade.

Por aqui, esse ofício teve como alguns de seus precursores nomes como Dib Hauaji, Esdras Pereira (em memória), e os irmãos Nini e Gelson (em memória) Barreto. Estando bastante em voga a partir da década de 1970, essa classe viveu anos áureos por muito tempo, tendo grande prestígio na sociedade, assim como uma invejável remuneração. Contudo, com o passar do tempo — que trouxe mudanças sutis, porém significativas na cultura —, advento de novas tecnologias e o declínio da demanda por esse tipo de serviço, bem como o desaparecimento quase completo dos festejos de rua na cidade, o produto se tornou obsoleto, e hoje há poucos sobreviventes dentro da classe. Esse grupo é um resquício de uma época antiga de nossa cidade, um símbolo de

resistência de uma tradição¹.

Essas mudanças não afetaram somente a classe profissional que trago aqui como objeto de estudo, como também diversas outras classes, a exemplo dos taxistas, que em boa parte é composta por indivíduos de idade mais avançada que a vida inteira tiveram o taxi como única fonte de renda e que, após o advento dos aplicativos de transporte para celular — como Uber, 99Táxi, BlaBlaCar, entre outros — perderam quase que por completo seu espaço, devido às inúmeras vantagens oferecidas pelos aplicativos aos clientes quando comparado ao táxi, o que os deixa numa situação preocupante de vulnerabilidade.

Antes de prosseguir, gostaria de fazer algumas observações que serão de suma importância para o entendimento e envolvimento do leitor com o texto. A narrativa que escrevo, ainda que geral, tem como ponto de partida o relato e a perspectiva tanto do meu pai, João Ramos, quanto minha, construída desde a infância ouvindo as histórias que meu pai contava. A segunda observação trata dos nomes das personagens que serão retratadas no texto, que, em boa parte, serão fictícios, visando preservar a identidade destes indivíduos. Contudo, alguns apelidos reais serão mantidos, para me manter mais fiel às personagens que protagonizaram as histórias que ouço até hoje.

¹ A respeito dos conceitos de cultura e tradição, Clifford Geertz (2008) entende a cultura como um sistema simbólico que os seres humanos criam para dar sentido às suas vidas e ao mundo ao seu redor. Tendo isto em vista, a tradição consistiria na transmissão desse sistema através das gerações, e a resistência de uma tradição seria o esforço e a tentativa de mantê-la viva, frente às progressivas mudanças promovidas pela modernidade.



O surgimento da fotografia em Campos

A imagem que eu sempre tive do meu pai e da profissão dele, é de que ele era um homem muito sacrificado e trabalhador, e seu ofício não remunerava o bastante para se ter uma vida confortável, apenas para não passar necessidade. Tanto que, uma das primeiras histórias de que tenho memória trata de que, quando eu nasci, meu pai pegou uma Honda Biz 100 daquele ano, que a minha mãe não queria mais — que hoje, 22 anos depois, ainda está conservada como à época e é minha — e pegou estrada com um amigo, rumo ao Espírito Santo, mais precisamente o município de Mimoso do Sul, para se aventurar em um mercado inexplorado e tentar tirar um dinheiro que ajudasse a custear a obra da casa e a cuidar de mim, recém-nascido. Digo mercado inexplorado, porque aquela região ainda não estava dentro da fronteira do que já havia sido dominado pelos fotógrafos. A concorrência sempre foi muito grande dentro da cidade.

Mas nem sempre foi tão penoso assim. A fotografia já foi um negócio muito lucrativo. Dib Sahid Hauaji, com carreira iniciada em 1960 e hoje com 86 anos de idade, foi pioneiro ao abrir uma das primeiras lojas de fotografia — os famosos “fotos” — e trazer esse elemento cultural para Campos. Dib foi o primeiro repórter fotográfico do estado do Rio de Janeiro, prestando serviços aos sucessivos prefeitos de Campos, e é o maior colecionador de câmeras fotográficas da América do Sul. Em seu foto, ele empregou muitos funcionários, que, conforme aprendiam o ofício, foram deixando a

loja e começando a trabalhar por conta própria, gerando uma linhagem de novos fotógrafos, já que o ofício foi passado adiante de pai para filho. Em entrevista à Folha da Manhã em 2021, Dib comentou: “Em Campos deve haver uns 200 fotógrafos. Pelo menos 180 começaram comigo. Eu não ensinei a ninguém, porque não sei nem para mim. Mas, eu dava apoio, oportunidade e confiança a todos eles [...]”.

Um desses funcionários era meu tio Ivonei Ramos, o “Vaunei”, ou “Jesus”, que depois de algum tempo pediu as contas e foi em busca de novas oportunidades. Dos filhos das famílias da rua em que morava, Ivonei era um dos mais velhos, e por ser bem-sucedido com a fotografia, andar sempre bem-vestido nos melhores eventos e acompanhado de grandes nomes da sociedade campista da época, ele chamou a atenção dos mais jovens, que em sua maioria tinham abandonado os estudos muito cedo, estavam vendendo fruta e picolé, e almejavam uma perspectiva de vida melhor. Um desses jovens era João, o meu pai. Meu tio ensinou a ele e aos outros rapazes o ofício, custeou material — que desde aquela época já era bem caro — e assim foi criando um núcleo de fotógrafos na localidade de Guarus, na década de 1990. Fotógrafos esses que, diferentemente de Ivonei que tinha um vínculo empregatício com a prefeitura e não dependia da correria do dia a dia, tinham que se aventurar nos eventos da cidade. Todavia, não era um desafio tão grande ou um tiro no escuro, já que a demanda era grande e o lucro também.



A disputa por território

Com o passar dos anos a classe foi ficando numerosa e, com isso, a disputa por território foi ficando mais acirrada, por vezes até mesmo violenta, marcada por discussões e bate-bocas que vez ou outra levaram às vias de fato. Isso foi algo que eu mesmo, já mais velho, presenciei. Lembro de um episódio no jardim de entrada do Teatro Trianon. Na ocasião, estava ocorrendo lá dentro a formatura dos alunos do Externato Campista, e antes do início do evento os fotógrafos estavam indo de carro em carro que chegava para oferecer seus serviços e já deixar combinado quem ia ser fotografado, em que momento e quantas fotos, um procedimento padrão. Eu estava distraído, anotando o endereço de alguns clientes, quando começa uma forte discussão. Era entre Jefferson e 'Magrinho'. Magrinho era bem conhecido por arrumar confusão e ser inconveniente, além de ser muito vaidoso. Jefferson já era um sujeito mais calmo, boa praça, agradável, mas que perdeu sua postura devido a uma bateria de seu flash que Magrinho supostamente tinha furtado. Começaram a gritar e a se empurrar no meio do caminho, ao ponto de quase derrubarem uma senhora que havia acabado de descer de um carro. Lembro que comigo estava Marcos, filho de Magrinho, cujo temperamento é o oposto do pai, é um rapaz tranquilo, amigável, até mesmo tímido. Marcos não sabia para onde olhar de tão sem graça que estava, e dizia: "papai só nos faz passar vergonha". Meu pai chamou a atenção dos dois e disse para continuarem a discussão

longe dali, e assim eles foram. Meu pai sempre me diz: "é por essas coisas que eu tenho vontade de sair disso, arranjar outra profissão, ficar longe desse ambiente de disputa e falsidade".



FIGURA 1: Fotógrafos em festa junina.

Fonte: compilação do autor.

Por conta dessa concorrência, e de uma demanda sazonal pelo serviço — em momentos de “cheia” como as festas juninas, carnaval e as formaturas era possível levantar até R\$4.000, mas no restante do ano era uma luta para sobreviver — meu pai e meu tio, que nesse momento já não era mais fotógrafo da prefeitura e há anos atuava como autônomo, foram buscar novas alternativas, novas fontes de onde extrair sua renda, e nessa busca expandiram a fronteira para a baixada campista, depois para outras cidades do norte Fluminense, como São Fidélis, Cardoso Moreira e São Francisco de Itabapoana, até cidades do sul capixaba, como Muqui, Mimoso do Sul, Cachoeiro de Itapemirim e Bom Jesus do Norte.

O precursor desse “porta em porta” foi o Seu Ataliba, um senhor vindo do município de Aperibé, que também tinha como fonte de renda o



comércio de bolsas e malas de viagem. Após Ataliba, foi a vez de Seu Raul, pai de Raulzinho (em memória), que precedeu João e Ivonei. Essa migração que esses fotógrafos estavam fazendo chamou a atenção de outros fotógrafos, os que tinham vínculo empregatício, seja com a Folha da Manhã ou alguma agência, mas se encontravam recém-desempregados. Os mesmos passaram a ir à casa de minha família procurar meu tio Ivonei para perguntar como ele fazia, queriam aprender o “know how”. Ivonei sempre respondia: “amigo, a primeira coisa que você tem que ter é disposição, você tem?”.

A atividade consistia em ir a localidades mais afastadas, procurando casas com crianças, e oferecendo aos pais ensaios fotográficos de seus filhos. As crianças ficavam encantadas porque, a exemplo do que Nini Barreto e Seu Ataliba trouxeram anos antes como novidade para Campos, meu pai e Ivonei levavam seus cavalinhos para adornar o cenário das fotos. As crianças eram fortemente atraídas pelos cavalinhos, e imploravam aos seus pais para subir e tirar algumas fotos, os deixando sem opção de recusar. Era uma técnica quase infalível, não fosse a baixa renda da maioria daquelas famílias.



FIGURA 2: Fabinho, cavalinho de João.

Fonte: compilação do autor.



FIGURA 3: Camelo feito por Ivonei..

Fonte: compilação do autor.



As entregas

O que nos leva a mais uma dinâmica do dia a dia dessa profissão, as entregas. O porta em porta ajudou em um momento de escassez de demanda e oportunidade dentro da cidade, mas nem sempre era fácil conseguir obter lucro, já que, devido à dificuldade financeira das famílias que contratavam os serviços, os fotógrafos tinham que fazer vários descontos, uma verdadeira barganha, e voltavam para entregar várias vezes, porque os clientes pediam novos prazos. Quase que em sua totalidade, os fotógrafos usam motos como meio de transporte. O gasto com combustível devido a essas voltas era tanto, que quando finalmente recebiam — seja o valor combinado a princípio ou algum valor negociado posteriormente — não obtinham lucro, pois já haviam antes empatado todo esse dinheiro em gasolina, e nos reparos que eram necessários nas motos devido às longas distâncias percorridas. Esta é uma dinâmica presente também na cidade, pois em todo lugar o personagem é o mesmo: o cliente de foto. O cliente de foto foi ao longo dos anos descrito para mim, por meu pai e outros fotógrafos, como um sujeito comumente carismático, que tenta te ganhar na conversa, fazer você “sentir pena” dele, e dessa forma consegue ganhar tempo, ou até mesmo enrolar o fotógrafo, já que em muitos casos esse cliente já nem tem mais interesse de ficar com as fotos, mas tem vergonha de falar.

Como o nível de interesse pela fotografia sofreu um descenso a cada ano que se passava, seja pelo advento das câmeras digitais — que

democratizaram o uso de materiais fotográficos e tiraram o emprego de muitos fotógrafos — seja pelo advento, mais a frente, dos smartphones, com suas câmeras cada vez melhores, esse cliente, ao ser abordado nos eventos, já demonstrava em sua feição que não estava muito interessado no serviço, mas dava uma chance para “ver qual é”, e por curiosidade contrata o serviço e passa seu endereço, porém, sem acreditar realmente que o fotógrafo irá entregar essas fotos. Quando o fotógrafo chega a sua casa, na data combinada, o cliente é surpreendido, por não se lembrar mais que tinha contratado aquele serviço e, logo, não ter se planejado financeiramente para pagar. Existem, claro, os que se lembram. São maioria, inclusive. Porém, da mesma forma, não conseguem se organizar financeiramente para separar o dinheiro destinado às fotos, seja pela sua dificuldade financeira, ou pela falta de compromisso, que é muito presente em boa parte dos casos.

Sobre a dinâmica das entregas nesse ramo, o fotógrafo ‘Pintado’ costuma se referir como “correria morta”. Correria morta trata de correr atrás de algo, ciente de que não se pode alcançar. Pintado é um personagem muito interessante. Oriundo de uma família muito pobre, recebeu esse apelido devido ao vítligo que adquiriu ao longo da vida, possivelmente devido à sobrecarga emocional, já que desde cedo teve que lidar com muitas responsabilidades. Filho mais velho, foi “pai” de seus irmãos, era quem colocava a comida na mesa e dava o apoio no que a mãe, já com a idade avançada, não podia mais realizar. Sua mãe o dizia: “meu



filho, uma seus irmãos, porque o dia que eu partir, essa casa pode virar um ponto de prostituição e venda de drogas”. Palavra de mãe é forte, e assim se fez. Parte dos filhos se desfez do terreno após a morte da mãe, e os que ficaram, e eram dependentes químicos, “apodreceram” junto com a velha casa.

Pintado seguiu sua vida e começou a constituir uma família. Teve quatro filhos, os criou com muita dificuldade, como todo fotógrafo, e depois de criados, teve mais quatro filhos — alguns dos oito filhos eram adotados. Pintado sempre dizia a meu pai: “Joãozinho, a gente tem que ser ruim, tu tem que ser igual eu que não tenho pena e boto medo nesses caras (clientes)”. Já vi Pintado parar um homem ainda dentro de seu carro, e conseguir pegar um adiantamento de R\$100,00 do serviço, porque o homem ficou assustado com a abordagem de Pintado, carismática, porém intimidadora. Ele é o que chamamos no meio de “mafioso”, um cara malandro, experiente, que sabe entrar e sair, tem seus contatos, e consegue sempre o que quer. Outro “mafioso” era o falecido William ruim — sim, existia outro fotógrafo chamado de William bom — mas esse com menos coração bom que Pintado, e muito mais maldoso. Um sujeito de poucos amigos, sempre com a feição fechada, e que sempre trapaceava para conseguir o que queria. Ele era um símbolo da má fama que a classe adquiriu. William era tão indesejado, que em seu sepultamento as filhas compareceram, porém não para se despedir do pai, e sim para vender todo o material fotográfico dele para custear dívidas com drogas.

A autoimagem dos fotógrafos

Na obra *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, os sociólogos Norbert Elias e John Scotson (2000) analisam e discorrem sobre as dinâmicas existentes na relação entre dois grupos de uma pequena localidade inglesa. Os grupos são os *estabelecidos* — moradores mais antigos da localidade, e que atribuíam a si próprios características humanas superiores aos demais — e os *outsiders*, indivíduos recém-chegados à região, e menos organizados enquanto grupo que os chamados estabelecidos.

O interessante de se observar é que, apesar do que se possa inferir a respeito das razões para essa exclusão dos *outsiders* promovida pelos *estabelecidos*, neste caso não se tratava de diferenças de raça, língua ou até mesmo de nível instrucional ou classe social, uma vez que todos os aspectos citados eram comuns a ambos os grupos. O principal fator era a falta de organização e união dos novos moradores da região, o que não lhes concebia uma identidade comum a todos. Para Elias (1994), nem a sociedade nem o indivíduo existem sem o outro. Um não pode existir sem o outro, nem um se pertence, ambos coexistem. Sem indivíduo não tem sociedade, sem sociedade não tem indivíduo. Essa falta de coesão e identidade afeta a autoestima dos indivíduos, os levando a ter uma autoimagem negativa.

Trazendo essa ideia para a análise do nosso objeto de estudo, o que fica claro é que um forte fator que



contribuiu para o enfraquecimento da classe de fotógrafos, é a falta e união entre esses profissionais que, dentre outros fatores bem presentes — como a questão racial e o nível de instrução —, afetou sua autoimagem e gerou, como ouvi de meu pai e achei o termo bem adequado, as crenças limitantes presentes no discurso deles.

Para elucidar essa ideia, trago o exemplo de outro personagem: Joseí. Joseí é um homem negro, com pouca instrução, mas que conseguiu concluir o Ensino Médio quando mais velho, através do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Trabalhando há anos como fotógrafo, ele decidiu que iria investir em algum curso, para se especializar em outra área e, na melhor das hipóteses, conseguir trocar de profissão. O curso escolhido foi o de cabeleireiro, o qual ele concluiu, não sem antes desembolsar um valor alto nas mensalidades. Joseí hoje pode dizer que é um cabeleireiro, formado na área, mas ainda assim não utiliza essa capacitação a seu favor. “Eu sou negro, quem vai querer cortar o cabelo com um negro?”, diz ele. Por vezes, Joseí pediu a outro fotógrafo para que abordasse seus clientes, ficando responsável apenas pela entrega. Sua justificativa era que, se ele abordasse, as pessoas não iriam querer tirar fotos. Os anos não só tiraram boa parte do mercado dos fotógrafos, como também tiraram deles sua autoestima, sua confiança no próprio trabalho — no caso de Joseí, não apenas os anos tiraram sua autoestima, como também o racismo presente na estrutura de nossa sociedade.

Essas crenças limitantes, aliadas às circunstâncias que os cercam, que de certa forma reforçam as crenças,

impedem uma ascensão social dos indivíduos. É bem verdade que trabalhar com fotografia não é mais a mesma coisa que na época em que começaram, contudo, essas amarras os impedem até mesmo de migrar para outras áreas, descobrir novas fontes de renda, ou se arriscarem em algo que realmente amam. Poucos são os fotógrafos que escolheram a profissão, a princípio, por amar a fotografia. Desses, ainda menos descobriram o que amam. A classe social à qual pertencem, a dificuldade da vida desde a tenra idade, a falta de instrução e de perspectiva, fizeram com que esses meninos não tivessem tempo para descobrir uma atividade que realmente amam, até porque, “trabalhar com o que se ama não enche barriga”.

Esses meninos tornaram-se homens sem identidade, uma máquina dentro da engrenagem social, forçados a sobreviver, por qual meio for necessário. Em uma roda de conversa, após um dos muitos dias frustrados de trabalho, meu pai disse: “gente, vocês sabem que não vamos continuar nisso por muito tempo, né? Já estamos todos caminhando pra 60, 70 (anos)... Uma hora esse povo vai se ver livre da gente. Eu não sei vocês, mas eu não tenho saúde pra pegar minha moto, já com 70 anos, e partir pra Cazumbá, Marrecas, Mussurepe...”.

Por vezes tentei incentivar meu pai, busquei ser a rede de apoio que ele não teve quando precisou. Incentivei procurando junto com ele alternativas, tanto dentro da fotografia quanto fora, mas ele sempre dizia que já era tarde pra isso por conta da idade e porque não tinha estudado. Meu pai abandonou os estudos com 17 anos,



estando na 7ª série do primeiro grau, hoje 8º ano do Ensino Fundamental. À época, já trabalhava. Desde os 14 vendia laranjas na rua, e ia com uma caixa de isopor com gelo seco para a Rodoviária Roberto Silveira, que era bem diferente de como está hoje, para vender água, refrigerante e cerveja para quem chegava de viagem. À época, a “rodoviária velha” recebia linhas interestaduais, o que fez meu pai ter contato com gente dos mais variados lugares e culturas. Talvez por isso ele seja hoje alguém tão flexível, que sabe se colocar no lugar do outro, sabe sair de situações que podem gerar confusão e brigas, mas também conhece a maldade das ruas e dificilmente é passado para trás.

Antes de tomar a decisão de interromper seus estudos, ele quis conversar com seu pai, esperando que o mesmo o fizesse mudar de ideia, fizesse ele enxergar as coisas por uma outra perspectiva que ele não estava conseguindo encontrar. Meu avô Braulino Ramos foi um homem de muita fé, muito temente a Deus. Um dos nomes mais respeitados e queridos na Igreja Batista do Parque Calabouço — hoje Igreja Batista Rio de Vida —, a qual ele ajudou a fundar. Foi um bom pai, dentro do que se espera. Criou os seis filhos — sendo um deficiente cognitivo — sem deixar nenhum deles sem ter o que comer, ainda que passassem por muitas privações. Mas devido à falta de referência que ele teve — vindo de Espinho, uma localidade próxima ao Sossego do Imbé, também teve pouca escolaridade — não conseguiu ser essa referência para o meu pai quando ele precisou. Disse: “meu filho, se é isso mesmo que você quer, por mim tudo

bem. Você já está trabalhando, ganhando seu dinheirinho, eu acho bonito isso. Estudar dói a cabeça, faz ficar doente, por isso suas irmãs também pararam”.

Para o meu pai, aquelas palavras foram o último empurrão que faltava para que ele não voltasse mais à escola. Já era desgastante o suficiente ter que lidar com a dificuldade dos estudos e ao mesmo tempo com o bullying, por ele ser filho do faxineiro da escola. E o Colégio Batista, ainda que não seja necessariamente um dos ditos “colégios de elite”, é frequentado por uma classe economicamente mais favorecida.

Essa história é bem parecida com a de vários fotógrafos. O ambiente parece reforçar todas as inseguranças que eles já possuem. Se torna um ciclo que não se encerra. Na verdade, se encerra, porque essa talvez seja a última geração, ao menos desse tipo de fotógrafos, dessa bolha. Os filhos não estão mais seguindo o mesmo caminho, possivelmente por terem presenciado toda a frustração de seus pais ao longo dos anos, e por terem noção de que o mercado para esse produto, hoje, talvez não seja muito lucrativo.



Análise de dados

Mas será que realmente não existe mais espaço para a fotografia de rua como profissão? Será que não existe mais demanda para esse serviço? A seguir, trago uma análise de dados, embasada por uma pesquisa que fiz com pouco mais de 30 pessoas, de diferentes gêneros, idades, e classes sociais, com o objetivo de alcançar uma resposta para essas perguntas, ou ao menos se aproximar de uma.

A pesquisa foi realizada através de um questionário online, e complementada por algumas entrevistas que fiz pessoalmente a algumas pessoas pelas ruas.

Ao final, trarei na íntegra os gráficos com os resultados do questionário, todavia, a priori, três destes chamaram mais atenção:

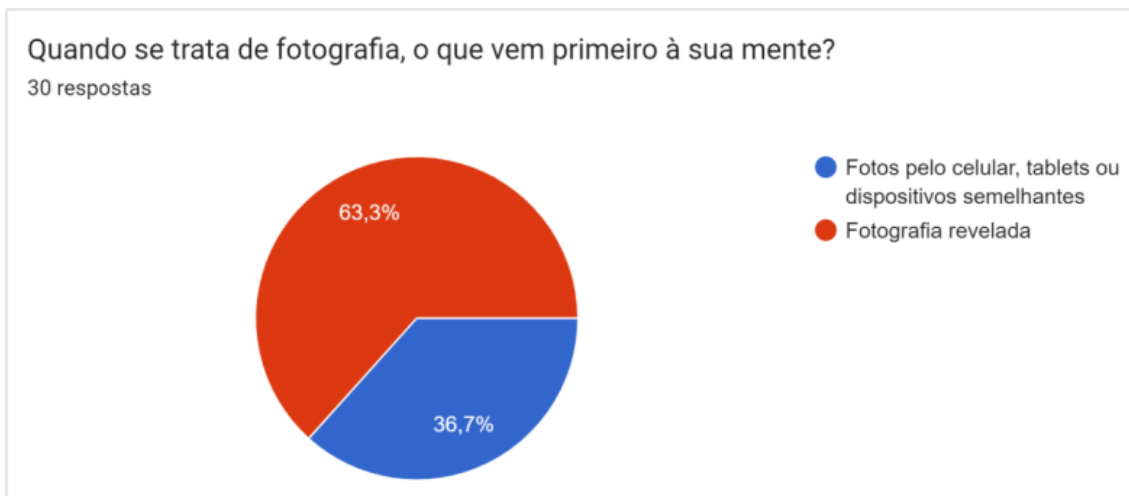


GRÁFICO 1: Memória das pessoas para com a fotografia.

Fonte: pesquisa do autor.

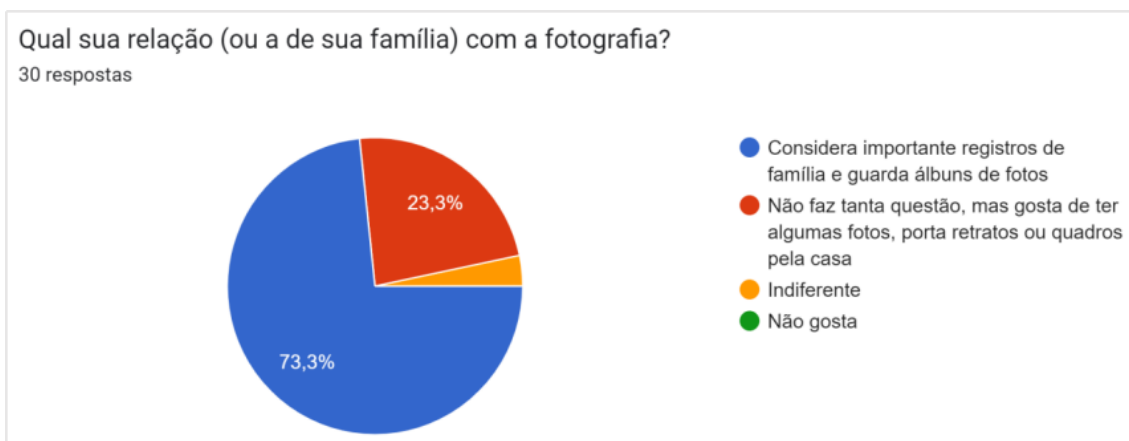


GRÁFICO 2: Relação das pessoas com a fotografia.

Fonte: pesquisa do autor.



Em eventos onde há a presença de crianças, seja em praças públicas, festas municipais, quadrilhas juninas etc, você costuma notar a presença de fotó...s utilizando cavalelinhos, charretes ou brinquedos?

30 respostas

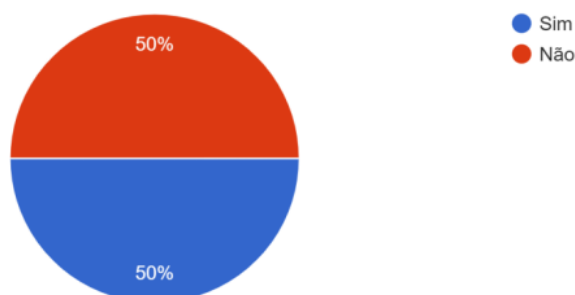


GRÁFICO 3: Fotógrafos dos cavalelinhos².

Fonte: pesquisa do autor.

Dentro desse recorte, a ampla maioria dos indivíduos ainda relaciona a ideia de fotografia com as fotos em papel³, além de guardar essas fotos com zelo e, logo, demonstrar interesse nesse tipo de produto. Porém, metade dos respondentes da pesquisa nunca se deparou com os fotógrafos dos cavalelinhos, o que evidencia que tem sido cada vez menos frequente a presença deles em certos espaços, seja por acreditarem numa baixa da demanda ou por qualquer um dos fatores percorridos no relato até aqui.

Em uma de minhas entrevistas, questionei um guarda civil municipal, identificado como Jovelino, a respeito dessa dualidade. Ele respondeu que a demanda há, já que ele próprio e sua

família se interessam pela fotografia, mas que o advento de novas tecnologias tirou muito do espaço dos fotógrafos.

“Eu acho a fotografia importantíssima. Gosto de guardar recordações dos meus filhos e de minha família. Eu até procurei algum lugar na cidade que oferecesse um curso reconhecido por algum órgão da categoria, porque queria aprender a fotografar. Eu acho que tem sido menos comum os cavalelinhos e charretes porque a facilidade do celular tirou a demanda desses fotógrafos, é muito mais cômodo eu tirar fotos com meu celular.” — contou o guarda.

Jovelino tem 52 anos de idade e faz parte de uma geração que teve muito mais contato com a fotografia revelada e com os fotógrafos, sejam autônomos ou das agências.

² ‘Fotógrafos dos cavalelinhos’ são os fotógrafos de rua, que levam cavalelinhos e charretes de brinquedo em eventos populares para tirar fotos de crianças.

³ Fotografia em papel fotográfico. Pode ser subdividida em impressa e revelada. A revelação era um processo químico realizado para passar para o papel as fotografias da extinta câmera analógica, que eram armazenadas nos filmes fotográficos. As fotografias reveladas apresentavam uma nitidez e durabilidade maiores que as impressas com tinta, essas últimas sendo a forma física das fotografias feitas nas câmeras digitais.



FIGURA 4: Registros sendo feitos pelo celular.
Fonte: compilação do autor.



FIGURA 5: Cavalinho na Praça Tancredo Neves, Vitória da Conquista - BA.

Fonte: Blog Conversa de Balcão. Disponível em: <https://conversadebalcao.com.br/> Acesso em: 01 jul. 2023.

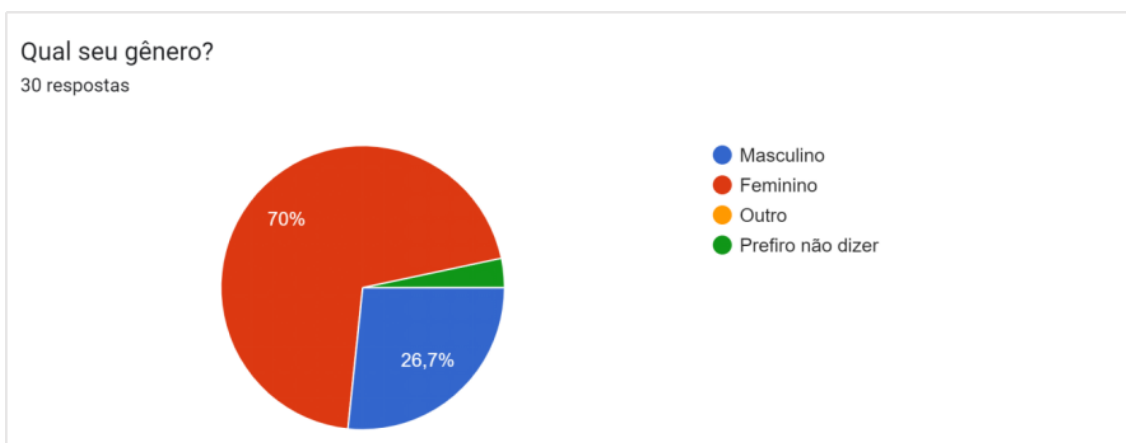


GRÁFICO 4: Gênero dos respondentes.
Fonte: pesquisa do autor.

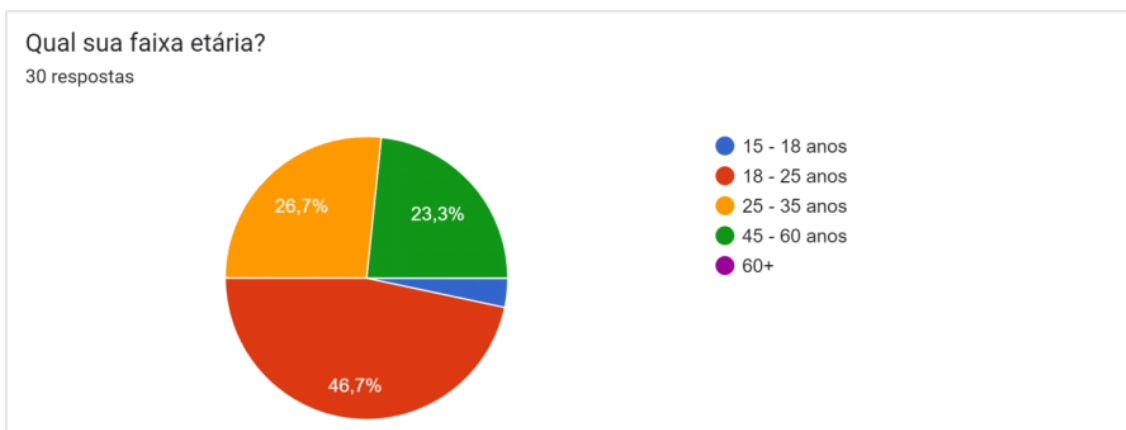


GRÁFICO 5: Faixa etária dos respondentes.
Fonte: pesquisa do autor.



Em um evento importante da sua vida, como um casamento, bodas, aniversário, formatura, batismo etc, você...

30 respostas

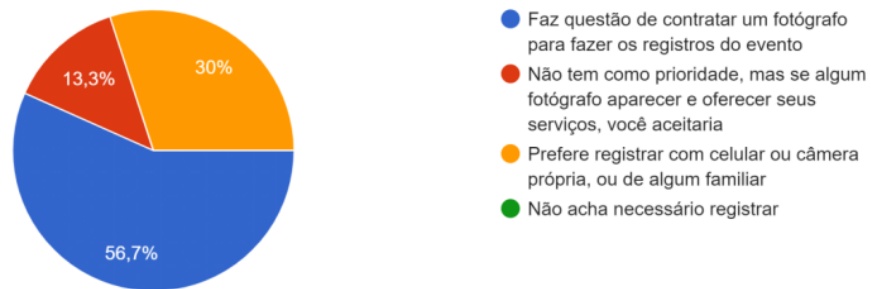


GRÁFICO 6: Fotografia em eventos.

Fonte: pesquisa do autor.

Você conhece profissionais que tenham estúdio fotográfico ou façam ensaios particulares?

30 respostas

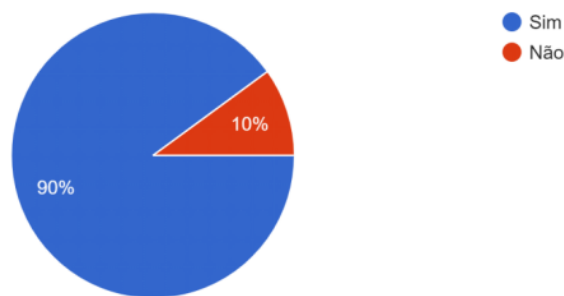


GRÁFICO 7: Fotógrafos de estúdio⁴.

Fonte: pesquisa do autor.

Em caso de resposta afirmativa na pergunta anterior: você ou algum familiar já contratou os serviços de um desses profissionais?

30 respostas

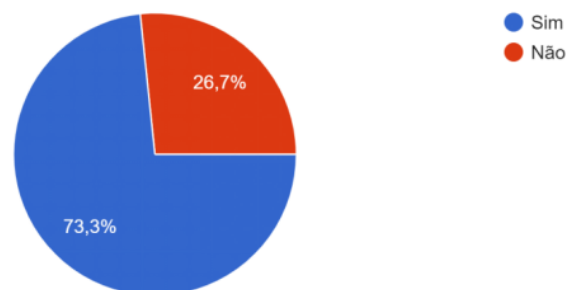


GRÁFICO 8: Respondentes que já fizeram ensaios.

Fonte: pesquisa do autor.

⁴ Fotógrafos que optaram por trabalhar em estúdio, próprio ou de terceiros, realizando ensaios particulares. São profissionais que indiretamente foram reduzindo o espaço dos fotógrafos de rua.



Ao fim do questionário fiz a todos a mesma pergunta: “como é a sua relação com a fotografia?”. As respostas foram as mais variadas, e nelas é possível notar muitos dos pontos que foram abordados no texto.

“Sou nascida do ano 2000. Acompanhei o processo de desvencilhamento da fotografia impressa para a fotografia digital ainda quando criança. Na pré-adolescência isto se fez ainda mais notável, no início da década de 2010, com o advento dos smartphones. Não tenho muitas fotografias de minha infância, quando uma máquina fotográfica era considerada um artigo para pouquíssimos no meu meio social, devido ao seu valor. Muitas de minhas fotografias da infância são registros feitos por fotógrafos, como esses dos cavaleiros, em eventos da região ou de escolas em que estudei[...]”

- Rafaela Rangel, graduanda em pedagogia.

“A fotografia é essencial para registrar momentos importantes, mas só contratei profissionais no meu casamento e aniversários de 15 anos das minhas filhas, pois nas outras festividades importantes nós mesmos fotografamos.”

- Sandra Mello, professora aposentada.

“Valorizo os registros revelados guardados pela família, mas também gosto da praticidade da nuvem e da galeria de fotos dos dispositivos eletrônicos.”

- Isabel Celestial, professora do Ensino Fundamental.

“Acho a fotografia importante por causa do sentimento de nostalgia de quando paramos pra olhar álbuns de fotos, são nossas histórias registradas.”

- Maria Jullia, graduanda em Ciências Biológicas.

“Na minha vida a fotografia sempre foi muito presente, desde a época dos desfiles em que minha mãe contratava um profissional para tirar foto e depois eles iam até em casa vender[...]”

- Yasmim Siqueira, graduanda em Pedagogia.

“Não tiro muita foto, mas em alguns momentos que quero registrar e guardar, tiro com meu celular. Nunca fiz ensaio fotográfico, nem tenho porta-retratos em minha casa, porém, meus familiares têm alguns espalhados pela casa ainda.”

- Eduarda Borges, graduanda em Pedagogia.

“Cresci nesse “meio” fotográfico por conta dos meus tios que são fotógrafos, hoje em dia só um continua exercendo a profissão[...]”

- Matheus Rômulo, estudante.

“Vejo como uma forma de exportar nossas memórias para fora do consciente. A ponto de ter um impacto de restaurar sensações, emoções, cheiros, sons etc.”

- José Guilherme Barcelos, programador.



Conclusão

As respostas à pergunta da entrevista apresentaram uma dualidade, entre os que ainda se importam com a fotografia revelada e os que se contentam com os registros de seus aparelhos celulares. Há os que acham válido contratar os serviços de um fotógrafo para registrar momentos importantes de suas vidas e das vidas de seus entes queridos, e os que preferem registrar por conta própria.

Ainda assim, é possível concluir que ainda há a demanda por esse serviço, mas que fatores como a baixa estima dos fotógrafos, a perda de espaço no mercado para profissionais mais especializados e com seus próprios estúdios, e a facilidade de acesso a celulares com boas câmeras aliada ao acesso de pessoas leigas a câmeras semiprofissionais por um custo não tão alto, fazem com que seja cada vez menos comum notar a presença desses indivíduos nos espaços que antes ocupavam.

A reciclagem desses profissionais, se atualizando não só com novas formas de atuação dentro da fotografia, novos materiais, mas também com novos métodos de marketing, como o marketing digital, pode ser uma saída para quem ainda deseja viver desse ofício nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

BERRIEL, Matheus. Dib Hauaji, o mais antigo repórter fotográfico do Rio e o maior colecionador de câmeras da América do Sul. **Folha da Manhã**, Campos dos Goytacazes, 17 dez. 2021. Cultura & Lazer. Disponível em:

https://www.folha1.com.br/_conteudo/2021/12/cultura_e_lazer/1278479-dib-hauaji-o-reporter-fotografico-mais-antigo-do-rio-e-o-maior-colecionador-de-cameras-da-america-do-sul.html Acesso em: 01 jul. 2023.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed. 13 reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

RAMOS, João Victor Longo. **Foto no cavalinho: Fotografia publicitária na região Norte Fluminense**. Google Forms, 2023. Disponível em: <https://forms.gle/jHUQf9u83D6uCwK19> Acesso em: 18 mar. 2024

ROSÁRIO, Lu. Foto no Cavalinho: tradição e resistência na praça Tancredo Neves. **Conversa de Balcão**, 2014. Disponível em: <https://conversadebalcao.com.br/foto-no-cavalinho-tradicao-e-resistencia-na-praca-tancredo-neves/> Acesso em: 01 jul. 2023.